

Diniz defende negociação intransigente da dívida ext

São Paulo — O Brasil deve manter-se intransigente quanto à sua dívida externa, já que tem “condições excepcionais” para sentar-se à mesa da negociação, que só deverá ser feita porém “a partir do momento em que houver segurança de que conseguirá um acordo favorável”. O alerta é do empresário Abílio Diniz, superintendente do grupo Pão de Açúcar e membro do Conselho Monetário Nacional.

Entre as “condições excepcionais” para a renegociação da dívida externa, Diniz destacou que o Brasil tem em caixa reservas cambiais de 8 bilhões 500 milhões de dólares, além de superávits contínuos na balança comercial. “Desde 1982 não temos uma situação tão boa como a de agora”, ressaltou Abílio Diniz, lembrando que “a posição do país é importante em uma negociação de dívida. A economia está ordenada e nós pagamos os juros em dia. Falta acertar o principal da dívida. Seria um erro querer comparar a situação do Brasil com a do Chile, Argentina, Peru ou do México”.

Na previsão do empresário, “a economia brasileira deverá alcançar no próximo ano um novo superávit de 12 bilhões de dólares na balança comercial, exportando 26 bilhões de dólares e importando 14 bilhões”. Quanto à importação de 800 milhões de dólares em alimentos, Diniz observou que o país tem reservas suficientes para isso.

Números de Diniz

Considerado o empresário que trabalha com os índices mais próximos dos reais — ele os estuda pessoalmente e pede análises ao departamento econômico do grupo Pão de Açúcar — Abílio Diniz estima que a inflação, este ano, fique ao nível da do ano passado (de 223,7%), “o que significa que não enfrentamos uma decantada hiperinflação”.

Segundo ele, o comércio fechará o ano com uma evolução de 12%, em termos reais (descontada a inflação) sobre o ano passado, e a indústria e a agricultura chegarão aos 8%. “O crescimento da economia deverá ser de 7% a 8%, maior do que os 6% previstos inicialmente pelas autoridades”, lembrou.

— O melhor mesmo — destacou o empresário — é que chegamos a 12

bilhões de dólares de saldo na balança comercial. De fato, deveremos ultrapassar em 300 ou 400 milhões de dólares a meta fixada pelo governo anterior. O crescimento interno não prejudicou as exportações. Na verdade, conseguimos crescer mantendo a inflação a níveis do ano passado, e isso criou um novo clima de confiança no país. O nível de emprego ainda está semelhante aos de 1977 e 1978, mas foram gerados mais 1 milhão 500 mil novos empregos.

E acrescentou: “O aumento da massa global de salários foi de 25%, e o salário médio real cresceu em 15%. Houve um desafogo para o operário. O salário cresceu em comparação com os preços dos produtos, que ficaram defasados, devido à decisão do governo em controlar esses preços. Os balanços das empresas mostrarão que elas cresceram e que as taxas de juros baixaram, estando hoje entre 12% a 13% reais para a captação.”

Para o próximo ano, Abílio Diniz prevê um crescimento econômico pouco inferior ao registrado este ano. A indústria crescerá de 7% a 8%, o comércio em 8%, e a agricultura “cairá bem, devido à estiagem deste ano”. Ele calcula um crescimento econômico de 6%, com a geração de mais 1 milhão 500 mil novos empregos.

Pacote econômico

O empresário analisou também o pacote econômico, considerando que, na sua parte tributária, ele está dentro do que se propôs atingir: “Não pune o assalariado de baixa renda e não é uma bomba de efeito retardado.”

Segundo Abílio Diniz, os objetivos do governo com o pacote são de aumento de arrecadação de impostos para equilibrar sua receita com a despesa. “Se o governo tem condições de elevar a receita, nós temos condições de exigir dele — e disse isso ao presidente José Sarney — que corte seus gastos. Isso está no pacote e deverá ser implementado.”

O empresário destaca ainda a necessidade de melhorar a eficiência da máquina arrecadadora do governo. “Com o aumento da arrecadação, diminuindo o número de sonegadores, teremos condições de ampliar os recursos, até diminuindo a contribuição per capita”, salientou.